

VIDAS ESFACELADAS: A HISTÓRIA DE UMA MORADORA DE RUA

Márcia Aparecida Amador Mascia¹

*Estas vidas, por que não ir escutá-las lá onde falam
por si próprias?*

(Foucault, O que é um autor?)

Introdução

Este estudo encontra-se dentro de um projeto, em andamento, intitulado “Vozes (In)fames: discursos de exclusão e resistência” o qual, por sua vez, encontra-se inserido em um projeto maior Latino-americano que tem como proposta estudar a família e a pobreza nas ruas. Meu sub-projeto se propõe a empreender uma análise discursiva com o intuito de trazer à tona as vozes de sujeitos duplamente excluídos: pelo contexto de pobreza e pela doença mental. Buscamos pensar e (des)vendar as falas dos loucos e pobres, ou seja, daqueles excluídos em nosso mundo contemporâneo. Assim, pretendemos contribuir com uma pequena parcela nos grandes projetos, levantando as histórias de vida de alguns sujeitos em situação de pobreza. Entendemos que, cada vez mais, torna-se urgente entender a realidade que nos cerca, mapeando a pobreza e seus efeitos nas identidades, e que afetam, também, aqueles que não se encontram em situação de pobreza.

Levando em conta o projeto dentro do qual se encontra inserido, conforme vista acima, este artigo, por sua vez, tem por objetivo levantar e analisar alguns fragmentos de vida e sobre a vida de uma catadora de lixo, “a mulher do saco preto”, como ela é conhecida, mas que será designada por nós como Maria. Ela vive em uma cidade do interior e central no estado de São Paulo e vive “literalmente” do lixo. Come restos do lixo, se veste dos plásticos dos sacos de lixo, geralmente pretos, de onde o nome, “a mulher do saco preto” e dorme geralmente na rua, envolta, também, nos sacos de lixo e se confundindo com ele, o lixo.

Em consonância com um estudo já realizado por nós, que trouxe à tona as vozes de exclusão e resistência de Estamira (MASCIA, 2011), a partir de um documentário brasileiro, este estudo, também, pretende levantar fragmentos da história de vida de Maria, “a mulher do saco preto”, apontando para as múltiplas exclusões: como mulher, como pobre, como doente mental, como abandonada pela família e pelo marido. Ouvimos Maria e ouvimos uma moradora do bairro no qual ela “perambula”. Ao longo da análise, procuramos momentos em sua fala os quais interpretamos como sendo algum tipo de construção subjetiva, e que estamos postulando como resistência.

Referencial teórico

Pautamo-nos nos estudos discursivos, da linha francesa, e nos estudos da arqueogenealogia de Foucault, em especial, com relação à obra “A vida dos homens infames”.

Para a análise do discurso de linha francesa, o sujeito é entendido como efeitos de sentido do discurso, sendo ambos atravessados pela ideologia e pelo inconsciente. É importante ressaltar que o discurso transcende o meramente linguístico e deriva do histórico-social. A AD tem buscado levantar e analisar os equívocos e mal-entendidos que são produzidos, muitas vezes à revelia pelos sujeitos ao falar uma língua (PÊCHEUX, 2004). Considerados como constitutivos à língua, os equívocos são plenos de sentidos a partir dos quais se faz interpretar os discursos e os sujeitos. Assim, a análise se dá no entrecruzamento do acontecimento e da

¹ Universidade São Francisco. Itatiba. São Paulo. Brasil. E-mail: marciaaam@uol.com.br.

estrutura e na tensão entre descrição e interpretação, região de equívoco, de elipse, de falta, próprios da língua estruturada pela ordem do simbólico, instaurado este pela ideologia e pelo inconsciente (PÊCHEUX, 2002).

Tendo delimitado os primórdios da análise discursiva, passemos a algumas considerações com relação ao louco e à loucura, em nossa sociedade.

Dentre as grandes contribuições de Foucault para pensar a sociedade ocidental, citamos seus estudos sobre a loucura. O autor nos faz entender que os personagens à margem da história (o louco, a prostituta, o prisioneiro) devem ser reconhecidos entre seus protagonistas. Assim, empreende o autor um estudo genealógico desses sujeitos da história. Os estudos genealógicos (FOUCAULT, 1979) exigem, segundo o autor, paciência e meticulosidade, paciência de ir e ouvir aquele que não deveria ser ouvido, a história que não deveria ser contada. Os loucos são marcados por essa (não)história.

Dentre os estudos do autor, encontra-se a obra “A vida dos homens infames” que pretendeu levantar histórias de vidas, consideradas miseráveis, medíocres e (in)fames (sem fama), vidas que passariam sem deixar rastros, mas que, de algum modo resistiram. Trata-se, nas palavras do autor, de uma “antologia de existências. Vidas de algumas linhas ou de algumas páginas, desventuras e aventuras sem nome, juntadas em um punhado de palavras. Vidas breves, encontradas por acaso em livros e documentos.” (FOUCAULT, 2006, p. 203).

Trata-se de vidas que se tornaram visíveis justamente por fugirem à regra, violando-as, seja criminalmente, seja por não se adaptarem aos padrões, como os loucos. Por fugirem às regras, suas vidas acabam sendo atravessadas por elas (as regras), como fruto de sua própria violação.

Esta é, também, a história da “mulher do saco preto” que, ao fugir dos padrões de normalidade e passar a viver na rua, torna-se famosa nas cercanias onde vive, instigando os “ditos normais” a falarem dela, a construírem histórias, explicações plausíveis a seu respeito, como veremos, a seguir.

Fragmentos de uma vida

A “mulher do saco preto” vive em uma cidade do interior do estado de São Paulo. Ao visitar a cidade, fui surpreendida por esse vivente da rua e do lixo, instigando vários moradores a falarem a seu respeito, vindo a conseguir o depoimento de um deles.

Primeiramente, ouvimos o depoimento de uma moradora do bairro e ouvimos, também, Maria, em uma oportunidade, quando ela perambulava pela rua e estávamos com a moradora, de carro, justamente procurando por Maria.

Segundo o depoimento da moradora, ela teria estudado, se casado, tinha religião, todas características “normais”, porém, ao ser traída pelo marido, não aguentou e “surtou”, vindo a viver nas ruas e dos restos das pessoas. E, ainda, paralelo a essa “opção” por viver na rua, segundo a moradora, ela desenvolve um discurso místico, abençoando as pessoas. Embora os moradores quisessem ajudá-la, tirando-a da rua, a “mulher do saco preto” volta sempre para a rua, vestindo somente de sacos de lixo e somente de cor preta, vindo a ficar nua, quando os moradores colocam sacos de lixo azuis ou de outra cor, na rua.

Conversando com a “mulher do saco preto”, na rua

Durante um longo tempo, tentamos abordar a “mulher do saco preto”. Primeiramente, tentamos encontrar algum parente com o qual pudéssemos conversar. Porém, fomos informados que o marido teria desaparecido e ela teria uma irmã adotiva que, também,

desaparecera. Resolvemos, então, solicitar à moradora entrevistada por nós tentar conversar com ela, em nossa presença.

Assim, um dia, estando de carro com a moradora, à procura da “mulher do saco preto”, a encontramos e ela veio ao nosso encontro começando uma conversa que foi por nós gravada. Ela estava envolta em sacos pretos, inclusive na cabeça. Apesar de mal tratada pela vida, aparentava ser uma mulher nos seus trinta e poucos anos. Vale ressaltar que não tínhamos nenhuma questão pronta e a conversa se deu de modo casual, partindo a conversa da mesma. A seguir, apresentamos alguns trechos da conversa.

MSP²: Vai devagar, vai devagar, devagar... direção..

Mo: Devagar, né, Maria. É que eu tô começando a dirigir agora. E sarô a boca aqui?

MSP: Enquanto meu povo estiver agindo nas 24 horas, ah, eu no dia-a-dia (inaudível) ...

Mo: Você foi no posto? Já cicatrizou? [referindo a um machucado na mão]

MSP: Mas foi possível cicatrizar corte que eu tinha na mão do lado de cá. Menos bactérias, leite A, leite B, leite parmesão, queijo parmesão. (Sobreposição de vozes). Essas bactérias... Atenção... Sem ser lá da fábrica de leite de (nome de cidade). Presta atenção... Necessita retirar uma bactéria do leite C que o povo tem no dente, (nome de cidade) eu povo (inaudível). Receba um cliente do bar do Cascão, uma parte da cerveja de volta (inaudível) que o povo trabalhou nessa parte. Senhora, presta atenção, vai ter que fazer um rastreamento na Avenida Marechal (inaudível)... Poderei pedir uma moedinha?

Mo: Pode. Maria, deixa eu perguntar uma coisa, sarô a ferida aí de trás? E o que é isso?

MSP: Atenção. Isso é uma bactéria do abacaxi que o povo teve, é tiveram que cortar a pele do meu povo. Vai devagar, vai devagar... Aguarde um pouquinho, tem uma leitura diferente.

Mo: Pode me dar a leitura. Então, tá.

MSP: Atenção, calma, calma. É uma promessa também de Deus... Os melhores momentos da novela “O Bravo”³. Maestro da novela “O Bravo”, que nunca morou na (inaudível) que esfrega o nome. É mais essa parte aí, dona, dona...

Mo: Você sabe quem sou eu, né? Eu moro lá, né, você sabe?

MSP: Dona, dona, católicos estão certinhos (inaudível). Empresas (inaudível) ...

Mo: Maria, fala seu nome certo. Como é seu nome? É Maria McLaren?

MSP: Meu povo... (Ruído de um carro.) Tenho uma promessa do meu povo, do meu povo, presta atenção.

Mo: Tem um bichinho aí?

MSP: É, isso é um inseto das procriações. Se deixar lota até o ... prestenção... (Inaudível). Tá aqui, tá aqui. Foi possível meu povo se ausentar da Folha de São Paulo.

Mo: Mas aonde que está seu povo, Maria?

MSP: A senhora vai atravessar toda essa parte...

Mo: Não vai perder o dinheiro. Eu vou dar uma bolsinha para você, a hora que passar lá em casa. (...)

Mo: Maria, seu povo está no bairro Santa Eugênia?

² Usamos Mo, para “moradora” e MSP para “mulher do saco preto”.

³ Famosa telenovela brasileira que passou nos anos de 1975 e 1976, na Rede Globo.

MSP: Prestenção, meu povo, meu povo na TV, na tela da TV no meio deste povo, a gente vai se ver na Globo. Esse cantor que é bem pouco (Inaudível)... Alô Pilates, mais um cantor que é (inaudível) ... Prestenção. Luma de Oliveira⁴ está certinha com o vestido de alta luxúria. Isis de Oliveira está contra meu povo. Isis de Oliveira passou a (Inaudível)... Atriz e modelo Isis de Oliveira⁵ (inaudível)... não foi possível modelo Isis de Oliveira abandonar as partes passadas da novela TV Globo. Não me apareça em frente à Rádio Progresso, que meu povo recebeu um choque no crânio.

Mo: É o povo, no crânio?

MSP: Prestenção, conforme recebo um choque no corpo, na cabeça. Aquilo ali recebeu uma ... (Inaudível). Prestenção. Vai devagar, vai devagar, prestenção. Prestenção. Meu povo está morando nesta ... aqui na Vila Dantas⁶. Vila Dantas. As chuvas entre a noite e a madrugada... Dona, dona, presta atenção... (Ruído de carro). (Vai embora).

De início, pode-se ver que a conversa acima foi totalmente “comandada” pela “mulher do saco preto”. Perdemos alguns trechos, pois ela falava muito rápido e se distanciava de nós, muitas vezes, parecendo conversar consigo própria. Vale ressaltar que ela estava muito agitada, andando de um lado para o outro.

O tópico da conversa foram questões de seu dia-a-dia e, talvez, da maioria das pessoas consideradas “normais”, porém, os assuntos nos parecem misturados, à primeira vista. Ela aborda vários assuntos ao mesmo tempo: dos perigos da direção – pareceu surpresa ao ver a moradora dirigindo e, por isso, durante toda a conversa ficou alertando que dirigisse “devagar”. Isso faz sentido em um mundo no qual temos cada vez mais carros, congestionamentos e acidentes. Também, conversou sobre os problemas de saúde, do machucado em sua mão, que, segundo ela teria sido originado por uma bactéria do leite. Assim, ela nos alertou que certos tipos de leite apresentam bactérias. Após, fala da novela “O Bravo” e das estrelas globais, assunto comum no Brasil. Urge ressaltar que a novela “O Bravo” é uma novela antiga da década de 70 e tendo Maria por volta de 30 anos, a novela deve ter passado quando ainda era menina. Assim, Maria traz um evento antigo que deve tê-la marcado e o associa a questões atuais. A seguir, comenta sobre o seu “povo”. Ela se considera como representante de um “povo”, como enviada para salvar, benzer e, embora não tenha ficado explícito na entrevista, isso nos foi relatado pela moradora.

E, para nossa surpresa, comenta sobre “receber choque no crânio, no corpo, na cabeça”. Isso, provavelmente, remonta ao fato de ela ter sido internada algumas vezes, no hospital psiquiátrico, e, com certeza, ter recebido choques. Assim, em nossa interpretação, apesar de pensamentos e tópicos misturados e, aparentemente desordenados, consideramos que sua fala nos revela um testemunho de vida, altamente, plausível, fruto de sua vivência e experiência cotidiana. Se ela vive em um mundo à parte, como todos consideram, este não se encontra totalmente desconexo do que vivemos, da época em que vivemos. Seu modo de viver é uma resistência, em nosso entender, pois ela se tornou visível transgredindo a “norma” ao morar na rua e comer restos...

À guisa de conclusões

Há muitos modos de resistência, já que ela se opera na microfísica, de acordo com Foucault (2004), e Maria resiste e constrói sua subjetividade dentro de seu mundo simbólico: da esquizofrenia. A análise aponta para o desejo da construção de uma subjetividade por e de

⁴ Luma de Oliveira é uma ex-modelo, atriz e empresária brasileira, famosa por desfilas no Carnaval do Rio de Janeiro.

⁵ Irmã mais velha de Luma de Oliveira, também, atriz e ex-modelo.

⁶ Embora o nome tenha sido mudado, essa vila existe na cidade onde Maria vive.

Maria: pelos temas corriqueiros com os quais elabora sua fala; por suas lembranças de vida; pela inserção no mundo contemporâneo, de atores globais, inclusive cantando o famoso *jingle* da Rede Globo (“na tela da TV no meio deste povo, a gente vai se ver na Globo”), como se pode ver em sua entrevista; como alguém com um discurso místico - todos mecanismos para preservar algo singular em si e ancorados na realidade.

Trata-se de uma luta para encontrar um lugar no mundo no qual as pessoas não dão mais valor às suas palavras e ações. Para Lacan (1977, p. 216), “os psicanalistas deveriam deixar seus pacientes definirem seus próprios termos, ou acessar suas próprias verdades”. De certo modo, é essa a proposta da pesquisa, dar voz a Maria e deixá-la dizer a respeito de sua verdade e, à medida que a ouvimos, podemos ver um quadro da vida social emergindo, às vezes, agonizante, às vezes não – ordem e caos – o modo como ela realmente viveu e como o seu tipo de vida afetou seu corpo e mundo interno.

Referências

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.

_____. A vida dos homens infames. In: MOTTA, M. B. (Org.) **Michel Foucault: estratégia, poder-saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

LACAN, J. On a question preliminary to any possible treatment of psychosis. In: **Écrit: A selection**. New York: W. W. Norton, 1977.

MASCIA, M. A. A. “Rio” – a cidade maravilhosa e o lixão de Gramacho: discursos de exclusão e resistência na voz de Estamira. In: CORACINI, M. J. (Org.) **Identidades silenciadas e (in)visíveis: entre a inclusão e a exclusão**. Campinas: Pontes Ed., 2011.

PÊCHEUX, M. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Trad. Eni P. Orlandi. 3. ed. Campinas: Ed. Pontes, 2002.

PÊCHEUX, M.; GADET, F. **A língua inatingível**. Campinas: Pontes, 2004.